

entrevista

Wander já foi jogador de futebol

O que começou como uma brincadeira na infância de Wander Manduca, motorista da Gerência de Reprografia e Transportes, transformou-se em profissão. Aquele "bate-bola" na rua atravessou as fronteiras do Estado e mostrou a vários clubes de futebol técnica, habilidade e talento no meio-de-campo.

Como começou a jogar e quando o futebol se tornou profissão?

Tudo começou quando era moleque de rua. A turminha do bairro brincava de futebol e daí fui para a escolinha juvenil do Clube Atlético Mineiro. Comecei a carreira jogando como profissional aos 20 anos.

Por quais clubes você já passou?

Depois do Atlético Mineiro fui para vários clubes, como o América; Desportiva Ferroviária, de Vitória; Marília, de São Paulo; Uberlândia; Nacional, de Muriaé; Atenil, de Montes Claros; e Rio Branco, do Espírito San-

to. Agora jogo como amador em clube na Cidade Industrial. A posição em que me destacava mais é meio-de-campo, mas também jogo como lateral direito.

Você acha que mudou a atitude dos jogadores com relação ao esporte?

Esse ponto é delicado. Antes jogávamos por encanto e amor à camisa. Não nos preocupávamos com quanto ganharíamos por uma temporada ou um contrato. Queríamos mostrar no futebol arte, talento e perfeição. Hoje é muito fácil ganhar dinheiro com futebol. Por isso há tanta ilusão com a profissão. O jogador que trabalha com dedicação e prazer associados a talento pode ser um superprofissional.

Há quanto tempo você deixou o futebol profissional?

Há quase uma década. Desde então trabalho na Assembléia.

Não abro mão de "bater uma bolinha" de vez em quando com amigos como Nelinho, Piazza e outros. Hoje sou mais expectador, principalmente porque meu filho está começando carreira na Escolinha Infanto-Juvenil do Cruzeiro.



Wander Manduca "bate bola" hoje com amigos como Nelinho e Piazza